

## Museologia e Geopoética: reflexões para práticas sensíveis a partir da extensão universitária no Rio de Janeiro

### Museology and Geopoetics: reflections on sensitive practices from university extension in Rio de Janeiro

Mitcay (Marcia Cristina) Perez de Carvalho<sup>1</sup>  
Luiza Corral Martins de Oliveira Ponciano<sup>2</sup>

DOI 10.26512/museologia.v13i26.52857

#### Resumo

Esse artigo traz uma reflexão sobre a percepção geopoética associada aos processos museais que venham a favorecer a interação e fruição entre visitantes de territórios naturais patrimonializados, em especial, sobre as ações educativas desenvolvidas. A partir da análise de revisão bibliográfica, percebeu-se a potencialidade da construção de ações que alcancem a conscientização do público para a necessidade de rever atitudes que visem a conservação da Natureza a partir de tais espaços. Dessa forma, elabora-se o entrelace da Museologia com a Geopoética, em pesquisa associada ao projeto de extensão Geotales, vinculado a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), onde conclui-se que a interlocução das disciplinas se abre em diferentes campos, destacando-se a Educação Museal, a Geopoética e a Geomitologia como campos viáveis às construções educativas que estimulem o olhar sensível dos seres humanos para com a valorização e conservação da natureza, bem como do patrimônio cultural.

#### Palavras-chave

Patrimônio Cultural da Ciência e Tecnologia; Educação Museal; Geomitologia; transdisciplinaridade; Geopoética.

#### Abstract

This article reflects on the geopoetic perception associated with museum processes that favor interaction and enjoyment among visitors to heritage natural territories, in particular, on the educational actions developed. From the bibliographical review analysis, the potential of building actions that raise public awareness of the need to review attitudes aimed at conserving Nature from such spaces was perceived. In this way, the intertwining of Museology with Geopoetics is elaborated, in research associated with the Geotales extension project, linked to the Federal University of the State of Rio de Janeiro (UNIRIO), where it is concluded that the interlocution of the disciplines opens up in different fields, highlighting Museum Education, Geopoetics and Geomythology as viable fields for educational constructions that stimulate the sensitive view of human beings towards the appreciation and conservation of nature, as well as cultural heritage.

#### Keywords

Cultural Heritage of Science and Technology; Museum Education; Geomythology; transdisciplinarity; Geopoetics.

1 Museóloga, Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da UFRJ, Bacharela em Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), integrante da equipe @GeoTales UNIRIO.

2 Artista, Bióloga e Paleontóloga, com Mestrado e Doutorado em Geologia pela UFRJ. Docente Permanente no Programa de Pós-Graduação em Ecoturismo e Conservação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), também é Coordenadora da equipe @GeoTales UNIRIO, no Núcleo de Geociências e Geopoética nos Países Latino-Americanos e Lusófonos (Nu2Geo), sediado no Laboratório de Geociências e Geopoética (LabGeo(ciên)poética), no Instituto de Biociências (IBIO) da UNIRIO.

## Introdução

Ao pensar Conservação da Natureza a partir das ações educativas desenvolvidas em espaços naturais musealizados, – como o Parque Nacional da Tijuca, na cidade do Rio de Janeiro – surgem inquietações sobre como potencializar diálogos e reflexões em Museus de Território, numa interface com o Patrimônio Cultural da Ciência e Tecnologia<sup>3</sup>, visando alcançar a interação entre diferentes naturezas - humanas e ambientais – através do desenvolvimento de materiais em formatos inovadores (Ribeiro; Amancai; Ponciano, 2023), a serem aplicados em atividades que fortaleçam as dinâmicas de ensino com múltiplos públicos, favorecendo a compreensão e fruição de conteúdos científicos. Nesse sentido, busca-se na Educação Museal, prática que trata das ações educativas aplicadas em espaços museais (IBRAM, 2018), o intercâmbio de experiências entre visitantes de espaços patrimonializados, em associação com a Geopoética, campo do conhecimento que busca ampliar as relações sensíveis e afetivas com os Seres Humanos e a Natureza em sua diversidade de corpos existenciais (Ponciano, 2018), incluindo a Geomitologia, que analisa mitos de várias culturas associados com fenômenos geológicos ou elementos da geodiversidade (Ponciano, 2018). Desse modo, são propostas construções de ações educativas que buscam, na afetividade para com os públicos, a preservação da geodiversidade, por meio dos processos práticos da Geopoética que emprega o tocar a terra como princípio de comunhão com os demais corpos que toca.

De acordo com a perspectiva da autoria, as atividades desenvolvidas e aplicadas por educadores em Unidades de Conservação, podem colaborar com a potencialização dos elos afetivos entre Seres Humanos e a Natureza. Para além de um conteúdo técnico e descritivo, as propostas do tocar e sentir, atribuem notável sensibilidade a partir da interação entre pessoas e ambientes, como pode-se perceber nas atividades elaboradas pelos projetos associados ao *GeoTales*, grupo coordenado por Luiza Ponciano na UNIRIO, desde 2015. Foi observado na divulgação dos projetos de extensão, pesquisa e ensino na página do projeto no *Instagram* (@geotales), as possibilidades de aplicação da abordagem Geopoética na Conservação da Natureza, partindo de uma base das Geociências, são muito variadas.

A Geopoética alia Ciência e Arte ao divulgar as Geociências por meio, por exemplo, de expressões literárias e cênicas. Entrelaçar a Museologia à Geopoética transforma os caminhos comunicacionais das narrativas museais ao serem tocados pela sensibilidade do olhar geopoético, impulsionando os indivíduos a experiências que convergem em questionamentos sobre o lugar do Eu no Mundo. De acordo com Menéndez (2018), é necessário que o Humano experiencie o contato com a Natureza externa a si, para perceber-se parte do todo. A Geopoética propõe uma reflexão a partir da vivência *in loco*, e estimula a expressão das percepções sentidas a partir de tal, em um movimento de plasmar materialmente as sensações obtidas, para que a transmissão dos afetos despertos possam tocar a outrem, criando assim uma Teia que se auto-alimenta de estímulos e percepções pelas Naturezas internas e externas a si.

Dessa forma, reflete-se sobre a interpretação dos fenômenos da natureza, desvelados pelas Geociências, sob o olhar afetivo do campo geopoético e

3 De acordo com o princípio nono da Carta do Rio (1992), elaborada na Conferência Geral das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento. Observa-se ainda o que diz o princípio décimo, que reconhece a necessidade da participação de “todos os cidadãos”, principiando pelo “acesso a informação” (IPHAN, 2014).

simbólico encontrado na geomitologia, nessa abordagem, a Geomitologia se integra à Geopoética, trazendo as histórias originárias para as elaborações geopoéticas. Nessa perspectiva, se acredita que as construções narrativas em espaços musealizados possam ser potencializados, oferecendo maior visibilidade para as questões relacionadas à conservação ambiental.

Atualmente assistimos ao retorno da imagem poética que dialoga com o lugar e contexto de inserção, (re) significando sua paisagem, seu horizonte, seu devir. As virtudes geopoéticas das Artes despertam uma consciência de pertencimento ao todo e da nossa interdependência com toda a diversidade da vida (Ribeiro; Amancai; Ponciano, 2023, p. 42).

Dessa forma, o presente trabalho objetiva ponderar sobre multidisciplinaridades e transdisciplinaridade<sup>4</sup>, sob as perspectivas sensíveis trabalhadas pelas Geociências e museais. Assim, refletir sobre abordagens geopoéticas já propostas pelo *GeoTales* e suas possíveis interlocuções com a Educação Museal, como os projetos D.O.S.S.E.L em Jardim Sulacap, Rastros sob a Terra e GeoAfetivarte, descritos a seguir no tópico sobre Geopoética.

## Metodologia

A metodologia de trabalho realizada foi a de revisão narrativa da literatura, a fim de investigar a produção bibliográfica existente sobre os campos da Geomitologia, da Geopoética e da Educação Museal, bem como o estudo sobre mitos na perspectiva psicanalítica e filosófica. Foram levantados periódicos, principalmente, nas bases de dados do *Google Acadêmico* e *Scielo*.

Como o projeto Rastros sob a Terra foi elaborado como ações a serem aplicadas sob a ótica da Educação Museal apresentamos algumas análises a partir da Política Nacional de Educação Museal (PNEM), além de se verificar os mitos sob as perspectivas psicanalítica sob a luz junguiana e a filosófica encontrada na literatura de Mircea Eliade e a poética sob olhar da literatura e da abordagem Geopoética

## A importância da geodiversidade e do olhar humano sobre ela

O conceito de geodiversidade foi definido como a diversidade de características e sistemas da Terra (Sharples, 1993) e segundo Kubalíková (2013), a partir de então o conceito passou a ser repensado e após diversos autores fazerem reformulações,

Gray (2004) introduziu uma definição mais ampla que foi baseada na análise e discussão de diferentes abordagens: geodiversidade é a extensão natural (diversidade) de características geológicas (rochas, minerais, fósseis), geomorfológicas (forma da terra, processos) e características do solo, incluindo seus conjuntos, relacionamentos, propriedades, interpretações e sistemas. (Kubalíková, 2013, p. 82).

Para Bento (2011) a geodiversidade “apresenta uma grande importância para a humanidade e manutenção do planeta Terra” (Bento, 2011, p. 161). Segundo a autora, “é preciso ampliar e disseminar a compreensão da geodiversidade,

4 Olhando para as multi disciplinas aqui envolvidas, porém ampliando a interlocução para o rompimento das barreiras que envolve cada campo (Fiorin, 2008).

Museologia e Geopoética:

reflexões para práticas sensíveis a partir da extensão universitária no Rio de Janeiro

destacando sua importância não apenas econômica, rompendo com a atual postura de desvalorização desse recurso por parte da sociedade'. (Muggler, 2007 *apud* Bento, 2011, p. 160). Silva, Mansur e Castro (2020), também apontam que, enquanto a biodiversidade, atualmente, vem ganhando um lugar de destaque sobre o impacto da ação humana no Ambiente, o Patrimônio Geológico, ocupa um lugar secundário nos debates acadêmicos, onde poucos autores buscam uma reflexão sobre a conservação da geodiversidade. Os autores destacam a importância de se implementar propostas que promovam olhares para com a conservação e preservação da geodiversidade, onde apontam a falta de documentos que, ao se falar em proteção ambiental, abrangem a geodiversidade, uma vez que desde a Declaração de Estocolmo, em 1972, muito se fala da biodiversidade sem, contudo, mencionar a porção abiótica da Terra. Nesse sentido,

surgiram nas últimas décadas uma série de práticas e abordagens que têm como objetivo principal preservar a natureza, por meio da compreensão e interpretação dos seus elementos e características, nos devolvendo assim, a sensação de pertencimento à ela. Essas abordagens buscam construir e fortalecer uma relação ética e afetiva entre os Humanos e os seus ambientes, superando assim práticas de conservação que possuem apenas fins utilitaristas (Neiman; Mendonça, 2000 *apud* Perrota, 2019, p. 13).

Dessa forma, evidencia-se a necessidade de práticas que valorizem e proporcionem olhares potencializadores da percepção dos seres humanos em seu enlace com a Natureza terrestre, como a empregada pelo projeto @Geotales que desenvolve o trabalho por uma união de arte, mitologia e ciência, com objetivo de gerar ações que venham a valorizar e estimular o afeto entre humanos e natureza, num instinto primordial de preservação da vida na Terra.

### **Mitos e Geomitologia – a ancestral tradição oral nas Geociências**

A Geomitologia foi proposta por Vitaliano (1968), para os mitos que explicam a ocorrência de eventos geológicos, como terremotos e a origem dos oceanos. A abrangência desses mitos se estende ainda à origem dos fósseis e de outros elementos da geodiversidade (minerais, rochas, solos e diversos depósitos que são o suporte da vida na Terra). Inicialmente, trazemos a proposta de que a Geopoética, como definida a seguir, engloba a Geomitologia (Ribeiro; Amancai; Ponciano, 2023). De acordo com Jung (1964), o surgimento dos mitos de origem se perde no tempo, desde o início do desenvolvimento humano na Terra, anterior à escrita, quando o ser humano contava histórias do que via e sentia em seus círculos. Nesse sentido, Mircea Eliade (1972) esclarece que a mitologia de uma cultura é constituída pelos elementos das histórias que narram a origem cosmogônica de determinado povo. Tais histórias são vivas, porque explicam a natureza desconhecida e, por isso, incompreendida pelo ser humano. Segundo o autor,

o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do 'princípio'. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma 'criação': ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser (Eliade, 1972, p. 9).

Dessa forma, evidencia-se que os mitos não devem ser considerados histórias falsas, mas sim construções narrativas genuínas, porque se referem a realidades do território conhecido por seus criadores, assim, “o mito cosmogônico é ‘verdadeiro’ porque a existência do Mundo aí está para prová-lo” (Eliade, 1972, p. 9). Pode-se exemplificar essa afirmação com a história do *Ramayana*, que, de acordo com Meier (2015), se trata de um antigo poema indiano, cuja autoria é atribuída a Valkimi. O poema conta a história de um jovem príncipe que sai em busca de sua esposa que havia sido raptada pelo que é descrito como o que o ocidente geralmente entende sendo um demônio. Uma passagem em especial desse mito, que narra a construção de uma ponte sobre o mar (Figura 1), tem intrigado e gerado debates. Segundo Bardi (2017, p. 1),

Cinco mil anos depois, uma equipe de arqueólogos indianos se prepara para embarcar em uma expedição subaquática para sondar o estreito raso que separa a Índia do Sri Lanka. Lá, uma cadeia submersa de 50 quilômetros de bancos de areia de calcário – conhecido, apropriadamente, como *Ram Setu*, ou *Ram’s Bridge* – tornou-se um elemento central nos debates em curso entre a Índia secular e religiosa. [Tradução nossa]

De acordo com esses estudos, a ponte de calcário submersa corresponde à ponte do mito, o que comprova a existência do mito real de que fala Eliade (1972). Bardi (2017) expõe que, a fim de abrir caminho para a navegação, havia um projeto para destruir a cadeia submersa, contudo, foi adiado até que sejam feitos novos estudos para constatar se a ponte é uma construção humana ou se é produto de formação geológica. Mas o que chama atenção, é a autora trazer à luz o fato de que o Ministério da Cultura se pronunciou contra o projeto em decorrência da ponte ter grande importância religiosa. Dessa forma, neste exemplo, se mostrou a importância de um mito, uma vez que tal história do passado teve grande representação para a sociedade que abraça aquela cultura. O que demonstra o potencial patrimonial da ponte, quer seja ela fruto da cultura ou formação geológica, é o fato da preservação da memória do povo hindu sobre parte do que constituem suas religiões, possível através dos métodos e práticas aplicados ao bem a partir de sua patrimonialização, dentre os quais, o desenvolvimento de dinâmicas de ensino que relacionam o objeto à cultura e às ciências da Terra.

Figura 1 - Ponte de Ram



Fonte: Universal Images Group North America LLC / Alamy Banco de imagens. In: Bardi, 2017.

Museologia e Geopoética:

reflexões para práticas sensíveis a partir da extensão universitária no Rio de Janeiro

Em outro exemplo, Candido e Nunes (2012), em seu estudo sobre mitologia e climatologia, relacionaram diversos deuses (Quadro I), de diferentes civilizações, que são ligados a manifestações climáticas da natureza.

Quadro I – Divindades associadas ao clima

CULTURA	DIVINDADE	ATRIBUIÇÃO	INTEMPÉRIES RELACIONADAS	OUTRAS INFORMAÇÕES RELEVANTES
Albanesa	<i>Perende</i>	Deus da tempestade	Tempestades	
Andina Central	<i>Pariacaca</i>	Deus do tempo	Chuvas e trovões	
Árabe	<i>Et Betel</i>	Deus da tempestade	Tempestades	
	<i>Qos</i>	Deus do tempo	Chuvas e arco-íris	
	<i>Qazah</i>	Deus da montanha e do tempo	Tempestade	
Armênia	<i>Barshamin</i>	Deus do tempo	Ocorrências meteorológicas em geral	Provavelmente derivado da divindade Síria <i>Baal-Shamin</i>
Asteca	<i>Chalchiuhtlicue</i>	Deusa da água	Chuvas e redemoinhos	Teria sido a responsável por um grande dilúvio que atingiu a Terra
	<i>Tlaloc</i>	Deus da chuva	Chuvas	
	<i>Yauhqueme</i>	Deus da fertilidade e das chuvas	Chuvas	

Fonte: Candido; Nunes (2012) [fragmento da tabela original].

Uma das antigas civilizações que também atribuía acontecimentos naturais a divindades celestes era a mesopotâmica. Pozzer (2019) elucidada que o poema intitulado *Enuma Elish*

revela as origens do Universo, o combate dos deuses organizadores do mundo contra as forças do caos, representados pelas águas primordiais – *Apsû*, as águas doces, e *Tiamat*, as águas salgadas, que no início dos tempos formavam um todo indiferenciado (Pozzer, 2019, p. 4).

Pozzer (2019, p.12) revela que um tablete de argila conhecido como “mapa mundi mesopotâmico” (Figura 2), onde a “Babilônia aparece como o centro do mundo geográfico e cósmico ao mesmo tempo”, possui um pequeno texto em que se assemelha com o poema *Enuma Elish*.

Figura 2 - Mapa mesopotâmico - Século VI a.C. Argila (12,2 X 8,2 cm) - Museu Britânico, Londres.



Fonte: Pozzer, 2019.

Esse tablete de argila se encontra hoje “conservado no Museu Britânico, sob o número de inventário BM 92687, é, provavelmente, originário do sítio arqueológico de Babilônia e possui datação em torno de 600 a.C.” (Poizzer, 2019, p. 12). A autora expõe a seguinte leitura do mapa:

O elemento central do mapa é composto por dois círculos concêntricos, com um orifício central, provavelmente feito pelo compasso utilizado para traçá-los. No interior do duplo anel temos a inscrição *idmar-ra-tum*, que na língua acádica significa ‘oceano’, repetida quatro vezes, evidenciando a concepção mesopotâmica de que o planeta Terra era cercado pelas águas salgadas.

No interior do círculo estão nomeados diversos lugares e importantes elementos geográficos da Mesopotâmia, representados por triângulos, círculos, retângulos e linhas curvas. Cortando o círculo no sentido leste-oeste, temos a indicação da cidade de Babilônia, literalmente representada como centro do mundo. No sentido norte-sul, exibe-se o rio Eufrates que serpenteava a cidade. O rio Tigre não é citado neste documento.

Os pequenos círculos apresentam cidades e/ou regiões conhecidas pelos antigos babilônicos, como Der, Susa, Urartu, Assíria, etc. Observa-se, ainda, cinco triângulos que portam inscrições, indicando lugares nomeados simplesmente por ‘região’ ou ‘província’ (Poizzer, 2019, p. 13-14).

É importante sublinhar que as histórias mitológicas ainda vivem e são alimentadas dentro das sociedades onde foram concebidas, como é o caso da Ponte de *Ram*, mostrada anteriormente.

O Brasil também é rico em geomitologias, sobretudo as cosmopercepções indígenas. Ponciano (2015) destaca na região amazônica o Mapinguari e a Cobra Grande, como exemplos que podem correlacionar as narrativas originais com eventos geológicos. A partir da identificação destas correlações de eventos como os terremotos e a cobra grande. A presença destas percepções foi destacada ao ampliar a parte das Geociências, criando versões que explicam os elementos geológicos formadores das histórias que compõem os mitos, facilitando a compreensão dos fenômenos geológicos que deram origem ao mito da Cobra Grande (Ponciano, 2015). Nesse sentido, era por meio dos mitos que o mundo ganha sentido diante dos olhos dos Seres Humanos, uma vez que,

dos cantos de rituais ancestrais até as equações matemáticas que descrevem flutuações energéticas primordiais, a humanidade sempre procurou modos de expressar seu fascínio pelo mistério da Criação. [...]belas metáforas e um riquíssimo simbolismo cruzam as fronteiras entre ciência e religião, expressando uma profunda universalidade do pensamento humano (Gleiser, 1997, p. 8).

Uma vez que os antigos mitos foram criados a partir de um pensamento voltado ao sagrado, como esclarece Gleiser (1997), as perspectivas religiosas diferem das abordagens científicas, entretanto, se pode utilizar das ideias contidas na simbologia dos mitos originais. O autor elucida que:

Há milênios, muito antes de esse corpo de conhecimento que hoje chamamos de ciência existir, a relação dos seres humanos com o mundo era bem diferente. A Natureza era respeitada e idolatrada, sendo a única responsável pela sobrevivência de nossa espécie, a qual vivia basicamente da caça e de uma agricultura bastante rudimentar. Na esperança de que catástrofes naturais tais como vulcões, tempestades ou furacões não destruíssem as suas casas e plantações, ou matassem os animais e peixes, várias culturas atribuíram aspectos divinos à Natureza (Gleiser, 1997, p. 19).

Museologia e Geopoética:

reflexões para práticas sensíveis a partir da extensão universitária no Rio de Janeiro

Com a modernidade, a relação das sociedades com a natureza mudou em grande parte do planeta, mas alguns povos indígenas, por exemplo, conseguiram manter o rico acervo das suas cosmopercepções, que são consideradas juntas com os conhecimentos científicos inclusive. Tais percepções de mundo não são excludentes, podendo habitar a mesma pessoa, ampliando inclusive as suas relações sensíveis e afetivas com a Terra, como é proposto pela Geopoética.

O acesso a todas estas diferentes formas de explicações sobre os fenômenos geológicos enriquece a transdisciplinaridade de todas as pessoas envolvidas em projetos que pesquisam por exemplo a Geopoética e a Geomitologia, desde que não sejam colocadas hierarquias na “valoração” de cada “tipo” de conhecimento. No Brasil essas pesquisas ainda são raras, e é observada uma certa “aversão” de geocientistas a terem contato com a história oral indígena como uma relevante fonte de conhecimentos, inclusive sobre a Geologia local.

De acordo com Jung (1964), o ser humano contemporâneo desaprendeu o processo de criar histórias fabulosas. O autor ressalta que essa é uma perda significativa para o “espírito” social humano, e muito embora não se possa ter conhecimento profundo e exato sobre o valor de tal fragilidade, a habilidade de se conceber narrativas fabulosas é um ato saudável para a vida humana. Por isso, o emprego dos mitos é relevante para acessar memórias e restabelecer ao humano o sentimento de pertencimento à natureza. Ponciano (2015, p. 25) traz que,

quando revisitamos os mitos para analisar as representações da realidade associadas às Geociências, encontramos diversas histórias que foram utilizadas para explicar a origem e o funcionamento do universo e do planeta Terra, além de questões que envolvem a evolução dos seres vivos e a nossa relação com vários outros elementos da Natureza.

A autora acredita que ensinar Geociências por meio dos mitos é um incentivo ao desenvolvimento da criatividade e um fomento a multidisciplinaridade e inter-relacionamentos. Ponciano (2015) também acrescenta que hoje os mitos são apresentados com o emprego das tecnologias da atualidade. Essa nova roupagem da contemporaneidade atualiza os mitos no imaginário coletivo, estimulando o interesse em entendê-los.

Serbena (2010) aponta que na teoria psicanalítica junguiana a repetição de um mesmo tema ao longo das gerações constitui arquétipos do inconsciente que podem ser acessados de forma imagética, que “(...) parece se constituir de motivos mitológicos ou imagens primordiais, razão pela qual os mitos de todas as nações são seus reais representantes” (Serbena, 2010, p. 78). Por conseguinte, a utilização dos mitos para a transmissão de conhecimentos relativos à geodiversidade pode trazer de volta o olhar humano ao seu meio, fortalecendo o aprendizado a partir dos laços de afeto. Elucida-se que de acordo com a visão psicanalítica de Jung, o ser humano contemporâneo passou a perceber o mundo apenas sob a ótica racional, distanciando-se dos ritos e mitos de origem que transmitiam o conhecimento de sacralidade do mundo, o colocando como parte do mesmo.

E os fenômenos naturais, por sua vez, perderam aos poucos as suas implicações simbólicas. O trovão já não é a voz de um deus irado, nem o raio o seu projétil vingador. Nenhum rio abriga mais um espírito, nenhuma árvore é o princípio de vida do homem, serpente alguma encarna a sabedoria e nenhuma caverna é habitada por



demônios. Pedras, plantas e animais já não têm vozes para falar ao homem e o homem não se dirige mais a eles na presunção de que possam entendê-lo. Acabou-se o seu contato com a natureza, e com ele foi-se também a profunda energia emocional que esta conexão simbólica alimentava (Jung, 1964, p. 91).

Dessa forma, pode-se entender que a humanidade é tal qual Narciso, que no mito grego é a vaidade personificada, em torpor diante do seu próprio reflexo, criando um eu idealizado que não participa da realidade circundante, voltando seu afeto em adoração a si mesmo (Fafich, s.d). Contudo, a psicologia junguiana revela que a sacralidade com a natureza está preservada no humano contemporâneo dentro do que o autor chama de inconsciente coletivo e que o sentimento de pertencer que existia desde tempos primitivos pode ser acessado pelo ser humano contemporâneo que vive fora dos grupos sociais que ainda mantêm suas práticas rituais por meio de imagens simbólicas, muito presente nos sonhos.

Jung (1964) afirma que os povos do passado não questionavam sobre os símbolos que os cercavam ou as histórias mitológicas que explicavam a criação e suas vidas, pois se entendiam como parte das vivências. Essa é a função que os mitos têm em despertar o inconsciente coletivo e resgatar nossos olhares para com a natureza ancestral em nós. Os mitos de origens podem ser utilizados para a transmissão de conhecimento na área das Geociências, da Museologia e outras mais que desejam contribuir para o recordar do sentido de pertencer a T(t)erra.

A proposta da Geomitologia é tornar o estudo dos fenômenos geológicos mais empático ao olhar da sociedade, pois como elucida Ponciano,

a interpretação da relação ou provável origem geológica dos elementos enfocados em certos mitos tem como objetivo final incentivar formas alternativas de ensino e divulgação das Geociências. Visando uma atuação mais crítica e reflexiva dos educadores, esta utilização dos mitos também é uma forma de integrar os conhecimentos científicos, neste caso sobre as Geociências, com os aspectos culturais e sociais de várias regiões do Brasil e do mundo. (Ponciano, 2015, p. 24)

De acordo com Jung (1964), algo é simbólico a partir do seu significado não manifesto e que pode ser acessado no ser humano, por meio de percepções sensoriais. Por ser fruto de uma memória originária, ou “primitiva”, e não criados de forma intencional, os símbolos expressam experiências não reconhecidas pelo consciente humano.

A origem dos mitos remonta ao primitivo contador de histórias, aos seus sonhos e às emoções que a sua imaginação provocava nos ouvintes. Estes contadores não foram gente muito diferente daquelas a quem gerações posteriores chamaram poetas ou filósofos. Não os preocupava a origem das suas fantasias; só muito mais tarde é que as pessoas passaram a interrogar de onde vinha uma determinada história (Jung, 1964, p. 90).

Jung (1964) revela que os mitos possuem uma linguagem simbólica que conseguem resgatar uma parte adormecida em nós, o inconsciente coletivo, trazendo à consciência memórias ancestrais preservadas. Como já apontado pelo autor, a sociedade contemporânea encontra-se afastada de sua relação com a natureza, porém, acredita-se que o (re)encantamento do ser humano pelo mundo pode ser encontrado. Uma dessas formas é por meio da Geomitologia, cujas elaborações podem ser potencializadas em associação à Geopoética.

**Geopoética – o despertar de percepções adormecidas**

Segundo White (19-?), a Geopoética é uma teoria-prática que pode embasar vários tipos de atividades (científicas, didáticas, artísticas,...) que tentam se libertar de disciplinas muito estreitas e estão em busca de uma base e dinâmicas duráveis. A parte “Geo” se refere à Terra como base, “coisa com a qual, além de todas as diferenças (...) estamos de acordo”, na busca pelo que é considerado como essencial, numa relação direta com a Natureza. A “Poética” do termo pode ser entendida como uma “dinâmica fundamental do pensamento” (num processo de criação e composição que emerge do contato com a Terra), combinando todos os recursos físicos e mentais de que dispõe o ser humano ao manter a associação entre a ideia e a sensação, o pensamento e a emoção despertada no corpo. Como campo “transdisciplinar, a geopoética visa descompartmentalizar as disciplinas que são a geografia, a literatura, a filosofia, as artes, as ciências da terra, etc.” (Bouvet, 2012, p. 10).

A Poética, ao contrário do que se possa entender de imediato, não se relaciona com a poesia em si, mas com a comunhão de substância e intelecto. White (19-?) percebeu a perda de um elemento base para fundamentar o desenvolvimento das sociedades na contemporaneidade. O autor denota a perda desse elo que era, segundo o mesmo, facilmente detectável na história das sociedades antigas. Dessa forma, White (19-?) frisa a necessidade de um elo para fortalecer as relações humanas em seu vínculo com os diferentes corpos naturezas, de modo a valorizar e preservar a vida como conhecemos. Nesse sentido, o autor propôs a Geopoética, elucidando que:

Quanto à palavra ‘poética’, eu não a utilizo no sentido acadêmico de ‘teoria da poesia’. Não se trata, aqui, nem de poesia no sentido tradicional (poesia pura, poesia pessoal, etc.), muito menos no sentido pejorativo (fantasias fílmicas, lirismo de canção, etc.) que se utiliza geralmente. Deixemos esta sociologia escassa, e pensemos, por exemplo, na ‘inteligência poética’ (nous poetikos) de Aristóteles (WHITE, 19-?: não paginado).

Castro (s.d: não paginado) explicita que para o grego antigo a poética tinha o sentido de ação, processo criativo onde “o próprio real se constitui como linguagem, mundo, verdade, sentido, tempo e história em qualquer cultura” (CASTRO, s.d: não paginado). Em confluência com a *poiesis* grega, entendemos a Geopoética na mesma perspectiva de ponte para processos criativos a partir de um aprendizado lúdico.

Nesse caso, vale frisar que a Geopoética como campo transdisciplinar é múltipla em conceitos e aplicações. Para Santos, Reis e Ponciano (2022), a Geopoética de base comunitária se desenvolve a partir da “releitura de espaços”, que propõe o desenvolvimento de uma poética considerando as histórias ancestrais dos habitantes das comunidades. Já para Ribeiro, Amancai e Ponciano (2023: 42), a “geopoética das artes despertam uma consciência de pertencimento ao todo e da nossa interdependência com toda a diversidade da vida”. As autoras associam os eventos da geodiversidade aos conhecimentos ancestrais (das tradições indígenas e afro-brasileiras) às performances artísticas.

Dessa forma, compreende-se que a linguagem estabelecida pela Geopoética encontra voz ao que Menéndez (2018, p. 44) destaca sobre a necessidade de se experienciar, viver a prática para que “os afetos aconteçam”. Segundo Santos, Simões e Ponciano (2019), o Ecoturismo, quando associado com a Geopoética, propicia tais vivências, levando o indivíduo à reflexão sobre conservação e pre-

servação da natureza, proposta por meio de trilha Geopoética com instalações artísticas, como a que foi realizada pela equipe do GeoTales em Jardim Sulacap, na Área de Proteção Ambiental do Morro do Cachambi, junto com mais de 30 voluntários de áreas diversas, como Robótica.

Também com a proposta de trazer novas relações sensíveis entre seres humanos e o planeta Terra, foi desenvolvido o projeto Rastros sob a Terra, realizado pelas autoras deste artigo, com a elaboração de material em vídeo, imagens e poemas mostrando trilhas em unidades de conservação situadas na cidade do Rio de Janeiro, sendo divulgado na página do @geotales.

Outra proposta presente no @geotales que envolve o enlace entre Museologia e Geopoética foi o projeto GeoAfetivarte, realizado por Brunna Santos e Luiza Ponciano, baseado na associação entre Geopoética e a obra de artistas variados, como Lygia Clark. Sob a abordagem geopoética, as pesquisadoras conceberam narrativas para apresentar as obras criadas pelos artistas a partir de elementos naturais, como rochas e conchas. Por meio de material audiovisual, as obras foram comunicadas com narrativas poéticas e apresentações das características e descrições formais dos objetos.

Diversos autores alertam sobre a necessidade dos seres humanos resgatarem o sentido de pertencimento e o entendimento de que são natureza, como parte essencial para diminuição do impacto ambiental. Nesse sentido, o olhar geopoético traz uma perspectiva de (re)descoberta do Mundo, que fortalece as relações afetivas entre a humanidade e o planeta Terra.

Por exemplo, em Dardel (2011) vemos que a análise dos fenômenos da natureza não é resultante apenas da percepção dos eventos interpretados pelo intelecto, sendo como a resposta de uma imaginação criativa, que, por instinto, fareja uma substância terrestre irrealizada em diversos símbolos, movimentos e profundidades. Quando olhamos para as cavernas, pedreiras ou entradas de minas abertas para extração dos minerais, não vemos apenas a matéria das rochas em si. Ao adentrar nesses locais, nós experimentamos, no contato físico com a intimidade material da crosta terrestre, um tipo de enraizamento imaterial, um chamado, uma sensação de retorno às nossas origens, uma conexão poética com o interior do planeta Terra que pode ser mais ou menos percebida pelos seres humanos que adentram as fendas que nos levam para o subterrâneo do planeta e de nós mesmos (Ribeiro; Amancai; Ponciano, 2023).

White (1992) já ressaltava que a divisão e as classificações utilizadas na Ciência são úteis, mas também são redutoras, pois o real as ultrapassa. Ele sugeria que a sociedade ocidental deveria se desconectar do sistema aristotélico e conseguir inventar novos contextos, conceber um novo espaço intelectual e cultural, dado que as tentativas de categorizar o real apresentam uma utilização limitada, pois cada época contribui com experiências que induzem a novos conhecimentos.

E é nesse sentido que os olhares das Geopoética e da Museologia se encontram. O sentido de pertencer, a descoberta do sentimento de fazer parte trazidos tanto pelas narrativas elaboradas da Geomitologia e pela Geopoética podem trabalhar em interlocução com as pontes construídas por propostas em ações da Educação Museal, como as elaboradas em Rastros sob a Terra, bem como as apresentadas como elemento expositivo no projeto GeoAfetivarte, ou outras que ainda podem ser pensadas para buscar a potencialidade na comunicação e fruição nos espaços museais.

**Narrativas – o elo entre seres humanos e o objeto**

A mediação comunica as informações necessárias para criar a conexão entre o humano e cada elemento a ele apresentado. De acordo com Desvallées e Mairesse (2013, p. 52) “a mediação está ligada à ideia de uma posição mediana, a de um terceiro que se coloca entre dois pólos distantes e que age como um intermediário”. Nesse sentido, a experiência vivenciada é o elo mediador entre o ser humano e a natureza. Pensando nisso, as atividades propostas tanto pela Geomitologia, na sua forma de apresentar os eventos geológicos com uma nova abordagem, quanto pela Geopoética, que busca a construção de novas percepções por meio da poiesis, estão em sintonia com as pontes criadas com os públicos durante as ações educativas e visitação a espaços musealizados. Enfatiza-se, como esclarece Costa *et al.* (2018, p. 74), que a

Educação Museal é uma peça no complexo funcionamento da educação geral dos indivíduos na sociedade. Seu foco não está em objetos ou acervos, mas na formação dos sujeitos em interação com os bens musealizados, com os profissionais dos museus e a experiência da visita.

Dessa forma, sob a perspectiva das relações entre humanos e territórios naturais patrimonializados, percebe-se a potencialidade em se gerar o elo mediador, a ponte que “reúne os participantes de uma coletividade e na qual eles se reconhecem” (Desvallées; Mairesse, 2013, p. 52), estimulando a interação sob abordagens geopoéticas com utilização de diferentes formas e acessos.

A dicotomia observável a partir da paisagem natural ante a influência do ser humano (Figura 3). A Banheira do Imperador faz parte do Patrimônio Histórico Cultural da cidade do Rio de Janeiro, localizado dentro do Parque Nacional da Tijuca. A imagem abaixo mostra que sob a lente da câmera, uma pessoa observa a paisagem à sua frente, que o olha de volta. A Geopoética se personifica no entrelace entre espectador e paisagem. Naturezas humanas, culturais e naturais estão conectadas a partir da experiência humana que contempla, mas também registra o momento em que se pode refletir sobre narrativas geopoéticas, incluindo nelas os mitos interpretados sob a luz da Geomitologia, e ações museais possíveis de se desenvolver em territórios onde se integram construções culturais e territórios de belezas naturais. Esta é apenas uma das possibilidades.

Figura 3 - Banheira do Imperador - Rio Carioca - Floresta da Tijuca.



Fonte: arquivo pessoal.

A Geopoética também está presente em ambientes urbanos, uma vez que todo ser humano é parte integrante da natureza. Os espaços naturais transformados ao longo do tempo em lugar cultural, como exemplificado na imagem que mostra o sítio arqueológico do Cais do Valongo no Rio de Janeiro (Figura 4). Nesse local, estão evidentes a transformação da paisagem natural pelas mãos humanas, no entanto, mesmo em espaço urbano, podemos construir narrativas Geopoéticas que proponham reflexões afetivas nas relações humanas como patrimônio.

Figura 4 - Sítio arqueológico Cais do Valongo, Rio de Janeiro – RJ.



Fonte: arquivo pessoal.

Antes o mar tocava a terra, hoje se observam as pedras do antigo cais cercado por terra, o oceano foi recuado com o aterramento proposto por mãos humanas. Nesse lugar é possível observar a transformação do espaço no decorrer do tempo, nele,

o passado passou e só o presente é real, mas a atualidade do espaço tem isto de singular: ela é formada de momentos que foram, estando agora cristalizados como objetos geográficos atuais; essas formas-objetos, tempo passado, são igualmente tempo presente, enquanto formas que abrigam uma essência, dada pelo fracionamento da sociedade total. Por isso, o momento passado está morto como o 'tempo', não porém como 'espaço', o momento passado já não é, nem voltará a ser, mas sua objetivação não equivale totalmente ao passado, uma vez que está sempre aqui e participa da vida atual como forma indispensável à realização social (Santos, 2007, p. 10).

Santos (2007), em sua reflexão sobre as transformações sociais no espaço geográfico, enfatiza a necessidade de se valorizar os fatos históricos, apontando para a existência das marcas culturais existentes, que determinam tais transformações no mundo ao longo do tempo. O autor frisa que, deve se pensar a abordagem que melhor resulte na apreensão para o momento presente.

É no sentido de valorizar o patrimônio para fortalecer as relações entre seres humanos e ambientes que as autoras desse trabalho refletem sobre as possibilidades de se conceber narrativas no espaço patrimonializados, que busquem estimular percepções sobre os efeitos das transformações nas paisagens, que ocorrem ao longo do tempo em decorrência das ações humanas. Assim como, pensar sobre abordagens sensíveis que venham a potencializar um habitar onde se considere a conservação da geo e biodiversidade em convivência às transformações culturais.

As ecotrilhas e os pontos de contemplação de paisagens, como se observa na Figura 5, local do Arraial do Sana, em Macaé - Rio de Janeiro, podem ser abordados pelas narrativas museais. Contar a história dos lugares, descrever sua

formação geológica, bem como evidenciar flora e fauna do território. Para além disso, trazer a narrativa dos mitos regionais propiciará a construções de pontes com potencialidade de se criar memórias afetivas.

Figura 5 - Rio Macaé – Sana/RJ.



Fonte: arquivo pessoal.

Além da paisagem, a contemplação do movimento das águas e o som da voz do rio, trazem a reflexão sobre a fonte de vida que corre pelos veios da Terra, a sagrada água de todos os dias, necessária a toda natureza biótica terrena, imortalizada na canção Planeta Água de Guilherme Arantes (1983):

Água que nasce na fonte serena do mundo  
E que abre um profundo grotão  
Água que faz inocente riacho  
E deságua na corrente do ribeirão  
Águas escuras dos rios  
Que levam a fertilidade ao sertão  
Águas que banham aldeias  
E matam a sede da população  
Águas que caem das pedras  
No véu das cascatas, ronco de trovão  
E depois dormem tranquilas  
No leito dos lagos  
No leito dos lagos  
Água dos igarapés  
Onde lara, a mãe d'água  
É misteriosa canção  
Água que o sol evapora  
Pro céu vai embora  
Virar nuvens de algodão  
Gotas de água da chuva  
Alegre arco-íris sobre a plantação  
Gotas de água da chuva  
Tão tristes, são lágrimas na inundação  
Águas que movem moinhos  
São as mesmas águas que encharcam o chão  
E sempre voltam humildes  
Pro fundo da terra...

As narrativas construídas numa abordagem geopoética pela equipe do GeoTales geralmente relacionam poesias, músicas e outras expressões artísticas como componentes enriquecedores na elaboração de suas performances e outras formas de divulgação científica (Ponciano, 2018), como o *Podcast Ge-*

Museologia e Geopoética:

reflexões para práticas sensíveis a partir da extensão universitária no Rio de Janeiro

opoética, também coordenado por Luiza Ponciano, disponível nas plataformas *online*, que traz entrevistas que abordam diversas pesquisas associadas com a Geopoética, tendo um episódio específico sobre a Geopoética das águas, o qual trazemos em mais detalhes a seguir por meio de algumas referências utilizadas.

Dardel (2011) traz o Rio como uma substância que rasteja, que serpenteia, e que a água corrente, por ser movimento e vida, aplana o espaço. Perrota (2019), por meio de roteiros geoturísticos realizados no Rio de Janeiro associados com a Geopoética (tanto na seleção dos pontos e temas a serem abordados, quanto pelas performances artísticas realizadas pelo GeoTales antes do início da apresentação da história geológica de cada atrativo) traz exemplos de como os domínios aquáticos colocam em movimento o espaço. Segundo esta pesquisa, na cidade do Rio de Janeiro, alguns dos amplos espaços planos criados pelos aterros das lagoas são um exemplo dessa leitura geopoética do espaço, dada a sensação de “vazio” que pode ser sentida nessas paisagens. Quando ocorre a descoberta que locais como o Largo da Carioca e os Arcos da Lapa até o Passeio público são corpos d’água que foram “enterrados” pelo desmonte dos morros que existiam no entorno dessas regiões, estas percepções são melhor entendidas, despertando uma busca mais profunda e relações mais sensíveis com os ambientes. Esse tipo de percepções pode aproximar mais as pessoas dos lugares que elas já até podiam ter visitado antes, porém sem uma “abertura” e “porosidade” que permitisse a absorção integral dos múltiplos significados que o ambiente pode expressar (Perrota, 2019).

Dardel (2011) aprofunda que o domínio das águas, inseparável do espaço Verde, está do lado da vida. O registro afetivo da alegria qualifica o mundo aquático: o riso das águas, o trinado ou a canção do riacho e as sonoridades alegres da cascata, a amplidão feliz do Grande Rio são apelos à alegria e à vivacidade material do espaço. Os seres humanos afluem ao longo dos Vales e dos solos úmidos, concentrando-se ao longo da Costa e das linhas de drenagem. Os vales e os rios são descritos geralmente como lugares verdejantes e sorridentes. O sorriso do verão brilha em suas margens. Mas o espaço aquático é também o reino da discricção, algo reservado e calmo. O vasto silêncio das águas não é da mesma natureza que o grande silêncio da floresta. Sua imobilidade não tem o mesmo valor que a fixidez da planície, é uma imobilidade retida, recolhida, um repouso de uma inquietude. No murmúrio dos riachos, o canto das águas parece cheio de subentendidos e de claros e escuros, pois os rios têm o poder tanto de submergir, inundar e destruir, quanto de irrigar, fecundar ou transportar. O curso das águas é a corrente da vida e da morte. No fundo dos corpos d’água, o jogo móvel das luzes e das sombras cria esse reino secreto, provendo uma experiência da espacialidade e profundidade aquática. O império das águas é a revelação da profundidade, e por vezes o chamado do Abismo do inconsciente, associado a um reino das sombras.

No dicionário de símbolos (Chevalier, Gheerbrant, 2003) as águas, massa indiferenciada, representam a infinidade dos possíveis, contendo promessas de desenvolvimento junto de ameaças de reabsorção. As águas estão associadas aos temas de fonte da vida (como nas águas primordiais e no oceano das origens), meio de purificação e centro de regeneração. O simbolismo do rio e do fluir das águas é o da fluidez de formas, fertilidade, morte e renovação. Pode-se considerar a descida da corrente dos rios em direção aos oceanos como o ajuntamento das águas, o retorno à indiferenciação, ao princípio mas também ao fim, expresso por exemplo no ciclo das águas. Enquanto fecundidade, a água é também a luz, a palavra, o verbo gerador.



Assim, é comum na prática geopoética a associação da imagem de uma paisagem e um poema ou música que possa decodificar em linguagem escrita, ou falada, a mensagem que se deseja transmitir. Tal proposta é também pensada pelas narrativas e atividades educativas elaboradas no âmbito da Museologia. Ambos campos do conhecimento entendem que já não é mais efetivo apenas uma placa indicativa ou proibitiva (Figura 6). Na contemporaneidade há a necessidade da contextualização do elo que busque pelos laços de uma memória afetiva.

Figura 6 - Placa de entrada para a trilha da Cachoeira Eubiose em São Thomé das Letras - MG.



Fonte: arquivo pessoal.

A fruição por espaços naturais possibilita ponderar que o pensar no Outro inclui pensar na Natureza como o eco de um grito que perpassa o humano. Práticas de conservação, como recolher o próprio lixo e não retirar nada do local por onde se caminha, geram a continuidade da existência, observando-se que,

a criação de uma consciência ecológica passa, necessariamente, por um questionamento dos atuais paradigmas e valores que delineiam nossas percepções e comportamentos, em busca de uma ética da convicção, de uma ética ecológica, que permita o desenvolvimento sustentável da humanidade (Bonazina *et al*, 1997, p. 3).

Nesse sentido, a experiência da contemplação aguça a percepção, ativa os sentidos e eleva a libido de harmonizar e sintonizar-se com a Natureza, mas para tal é necessária a elaboração de narrativas que aprofundem as formas comunicacionais para além da informação, pois o humano deseja desvendar os símbolos (Serbena, 2010).

Em meio a uma trilha, uma pausa para a contemplação (Figura 7), pode despertar a essência da relação humana com a natureza, em sussurros de tempos perdidos. Palavras gentis emergem, compondo traduções dessa relação do contemplar: “o maior deleite que os campos e os bosques comunicam é a sugestão de uma oculta relação entre o homem e os vegetais. Não estou só, nem ignorado. Fazem-me sinais e eu lhes respondo” (Emerson, 2011, p.18). Da mesma

Museologia e Geopoética:

reflexões para práticas sensíveis a partir da extensão universitária no Rio de Janeiro

forma, a emoção pueril da primeira experiência é a base para a construção de uma livre relação criativa, daí a importância de experiências imersivas desde a infância.

Figura 7 - Arraial do Sana, Macaé – RJ



Fonte: arquivo pessoal.

De acordo com Santos (2016), apoiada na teoria dos afetos de Spinoza, as primeiras experiências “influenciam de modo peculiar na constituição da criança quanto à relação de proximidade ou distanciamento da Natureza” (Santos, 2016, p. 145). Assim, na imersão torna-se possível consolidar elos mediados pela *poiésis* que propiciam o reviver de sensações humanas há muito desconstruídas nas sociedades contemporâneas, o que traz a reflexão sobre a melhor abordagem para a participação dos públicos infantis em espaços naturais musealizados. O emprego de atividades que unam canções ao movimento dos corpos e a busca sensorial nos espaços, podem ser uma ação desejável pelos pequenos.

Apresentamos a seguir, como resultado destas reflexões descritas acima, a atividade “Geopoética das águas habitando o mundo”, elaborada pelo Geotales, baseada também em inspirações despertadas pelos livros *Uma Ecologia decolonial* (Ferdinand, 2022) e *A terra dá, a terra quer* (Santos, 2023). O objetivo é refletir sobre as questões: “Como as águas habitam o mundo?” e “Qual é a sua maneira de habitar o mundo?” Qual parte dela foi sua escolha? Quais são as origens dos conhecimentos nos quais você se baseia?

A proposta é adaptável para diversos públicos, tendo uma estrutura aberta, com base na Geopoética. Inicialmente o grupo composto por pessoas de diversas idades e origens vai participar de atividades de canto e dança em roda numa parte cimentada e aberta do local escolhido, como uma escola ou museu, quando serão utilizadas músicas (ver abaixo) que estimulam a percepção do somatório das vozes como materialização do coletivo, e da sensação do fluxo das águas por meio dos sons e movimentos do corpo. Após o canto e dança as pessoas são orientadas a se darem as mãos e transformar o círculo em uma linha, que vai se mover até algum espaço “verde” (com vegetação e/ou águas escondidas ou aparentes), sendo “puxada” por uma criança se possível. No caminho será proposta a seguinte reflexão: Qual elemento, ser ou paisagem que esta linha humana se movendo sinuosamente te faz lembrar? (águas, rio, mar, chuva,...).

Caso possível, tentar ocasionar um “represamento da linha das águas” em algum local. Ao chegar na parte com alguma água, trazer a pergunta: Como as águas habitam o mundo? Para responder essa pergunta com os corpos, a linha de pessoas vai contornar e procurar locais em que se possa ter um maior contato sensível e delicado com a (T)terra, e será proposto que as pessoas enterrem completamente as suas duas mãos no solo, como as águas irrigando a terra, e fechem os olhos. Neste momento serão propostas as três reflexões principais da atividade descritas no início, destacando a diferença entre terra (solo) e Terra (o planeta), destacando as diferentes escalas de reflexão das perguntas.

Durante e após a retirada das mãos da terra será observado como são expressas as relações das pessoas com o contato com o solo, se vão encarar como sujeira e tentar se limpar, lavar as mãos, etc. Após esse momento, perguntar: alguém se lembra de músicas sobre a T(t)erra? Dando as mãos novamente, agora sentindo/tocando partes da terra junto, o grupo será convidado a voltar para o local da roda inicial por outro caminho, quando serão cantadas as músicas novamente, mas com outras pessoas puxando, e outras propostas de composição de grupos do refrão (ondular /variar os locais de onde fluem as vozes, como ondas). Ao final, as seguintes reflexões podem ser estimuladas: o grupo se lembra de outras músicas sobre as águas, sobre a (T)terra,...? O que as pessoas sentiram durante a atividade? Do que se lembraram? O que mais te tocou?...

As músicas propostas inicialmente são Areia (versão cantada por Selma do Côco): Lá no mar tem areia / (Areia) / Areia no mar / (Areia) / Que Areia boa (Areia) / Pra gente peneirar (x2) / Quando eu pensava que era um (Era um babado só) / Quando eu pensava que era dois / (Era um babado só) / Quando eu pensava que era três (Era um babado só) / Quando eu pensava que era quatro (Era um babado só) / Quando eu pensava que era cinco (Era um babado só) (x2) e Sou das Águas (versão cantada por Ponto Br), e em parte modificada para esta atividade: Eu sou das águas / Eu vim das águas / Eu vou pras águas voltar (x2) / Doce me leve pro mar (x4). Ambas estão disponíveis *online*, no *YouTube* e outras plataformas.

Outra abordagem possível em determinados espaços é a observação da paisagem cultural a partir da interação humana com a paisagem natural (Figura 8). Por meio da interação contemplativa no local vemos como a paisagem natural é tocada pelo ser humano. que ela sofreu e sofre modificações constantes. Contudo há o instinto de conservação denotado pela assídua presença de pessoas que praticam a atividade de subir o morro para a contemplação do nascer e pôr do sol no bairro de Paciência, localizado na zona oeste do Rio de Janeiro.

Figura 8 - Morro de Santa Eugênia.



Fonte: arquivo pessoal.

Museologia e Geopoética:

reflexões para práticas sensíveis a partir da extensão universitária no Rio de Janeiro

Tais propostas visam a reflexão sobre o ambiente no qual se desenvolvem, por meio de interações elaboradas com atenção à construção de encontros afetivos entre os seres humanos e o território. As abordagens se propuseram a criar condições para que o envolvimento com elementos naturais refletissem em um sentimento de pertencimento com o lugar e consequente valorização do patrimônio.

### Considerações Finais

A reflexão sobre a abordagem Geopoética no campo das Geociências e como a união dessas perspectivas alinha-se com a Comunicação e a Educação Museal, incitou o pensamento sobre ações que possam possibilitar o despertar do olhar sensível em seres humanos adormecidos e, de forma afetiva, transportá-los à consciência de que cada sujeito participa de forma individual do coletivo que é a natureza, biótica e abiótica. Assim como da importância de construir hábitos que tenham por objetivo a proteção da natureza.

Também agregou considerações para a importância do trabalho transdisciplinar, nesse caso, as disciplinas associadas com o objetivo de criar pontes para estimular o entendimento de que conservação ambiental é ato não apenas de cuidar do outro, mas também cuidar de si. A partir do pensamento afetivo de que todo ser humano também é um componente do que se chama natureza.

Outra reflexão que surgiu no decorrer da pesquisa se refere às possíveis construções que possam favorecer debates; sobre a valorização do patrimônio, a educação, a conservação ambiental e a preservação dos bens culturais; entre os profissionais dos campos da Museologia e das Geociências, no intuito de que tal interlocução venha a formular novas práticas afetivas que rompam com a participação passiva e a relação segmentada entre humanos e natureza. Assim, de forma a orientar o sujeito urbano e tecnológico da contemporaneidade à experiência de espaços integrados ao ambiente. Podemos incentivar, dessa maneira, a inserção do mesmo ao contexto da paisagem natural e cultural, a fim de resgatar valores ancestrais onde o Ser Humano se entende como Natureza.

### Referências

ARANTES, Guilherme. *Planeta água*. 1983. Disponível em: [Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sMgCgImKCKw](https://www.youtube.com/watch?v=sMgCgImKCKw) Acesso em: 03 ago. 2021.

BARDI, Ariel Sophia. *God or Geology: The Genesis of Bram's Bridge*. Victoria/Canadá: revista Hakai, [on-line], 2017. Disponível em: <https://www.hakaimagazine.com/news/god-or-geology-genesis-rams-bridge/> Acesso em: 08 jul. 2021.

BENTO, Lilian C. M. Um novo olhar para a Geodiversidade através do geoturismo. In: *Enciclopédia Biosfera*. Goiânia: Centro Científico Conhecer, v. 7, n. 12, p. 159-165, 2011. Disponível em: <http://www.conhecer.org.br/enciclop/conbras1/um%20novo%20olhar%20para%20a%20geodiversidade.pdf> Acesso em: 07 jul. 2021.

BONAZINA, Maria C.R.; ROGLIO, Karina de Déa; KLÖCKNER, Karen Silvia S.S.; THÉ, Maria Alice L.; FIALHO, Francisco. *O repensar da relação homem-na-*

tureza a partir da ecopsicologia: uma contribuição para a ergonomia. [S.l.], 1997. Disponível em: [http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGEPI997\\_T2511.PDF](http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGEPI997_T2511.PDF) Acesso em: 02 ago. 2021.

BOUVET, Rachel. Como habitar o mundo de maneira geopoética. [S.l.]: *Interfaces Brasil/Canadá*, v12, n. 1, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/interfaces/article/view/7200> Acesso em: 27 jul. 2021.

CANDIDO, Daniel Henrique; NUNES, Lucí Hidalgo. Mitologia e climatologia: um estudo das divindades relacionadas à ocorrência do tempo severo. [S.l.]: *Revista brasileira de climatologia*, a. 8, v. 11, 2012. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/rbclima/article/view/13654> Acesso em: 23 jul. 2021.

CASTRO, Manuel Antônio de. Poiesis. In: *Dicionário de poética e pensamento*. Rio de Janeiro: UFRJ, on-line, [s.d]. Disponível em: [http://www.dicpoetica.letras.ufrj.br/index.php/Dicion%C3%A1rio\\_de\\_Po%C3%A9tica\\_e\\_Pensamento](http://www.dicpoetica.letras.ufrj.br/index.php/Dicion%C3%A1rio_de_Po%C3%A9tica_e_Pensamento) Acesso em: 30 jul. 2021.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. 18. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

COSTA, Andréa; CASTRO, Fernanda; CHIOVATTO, Milene; SOARES, Ozias. Educação Museal. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. *Caderno da Política Nacional de Educação Museal*. Brasília: IBRAM, p.73 -77, 2018. Disponível em: [https://www1.udesc.br/arquivos/id\\_submenu/2656/caderno\\_da\\_politica\\_nacional\\_de\\_educacao\\_museal.pdf](https://www1.udesc.br/arquivos/id_submenu/2656/caderno_da_politica_nacional_de_educacao_museal.pdf) Acesso em: 07 mar. 2020.

DARDEL, Éric. *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. *Conceitos-chave de Museologia*. Tradução e comentários de Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972. Disponível em: <https://portalbiblioteca.ufra.edu.br/images/Ebook/letrasportugues/mitoerealidadelivro.pdf> Acesso em: 13 jun. 2020.

EMERSON, Ralph Waldo. *Natureza*. Tradução de Davi Araújo. São Paulo: Dra-caena, 1 ed., 2011. Disponível em: [https://www.google.com.br/books/edition/Natureza\\_A\\_B%C3%ADblio\\_do\\_Naturalista/A6VpAAwAAQBA?hl=pt-BR&gbpv=1&printsec=frontcover](https://www.google.com.br/books/edition/Natureza_A_B%C3%ADblio_do_Naturalista/A6VpAAwAAQBA?hl=pt-BR&gbpv=1&printsec=frontcover) Acesso em: 31 jul. 2021.

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (FAFICH). *Mito de Narciso: a fonte da vaidade*. Belo Horizonte. [s.d]. Disponível em: [https://www.fafich.ufmg.br/~labfil/mito\\_filosofia\\_arquivos/narciso.pdf](https://www.fafich.ufmg.br/~labfil/mito_filosofia_arquivos/narciso.pdf) Acesso em 22 jul. 2021.

FERDINAND, Malcolm. *Uma Ecologia Decolonial: pensar a partir do mundo caribenho*. São Paulo: Ubu Editora. 2019.



Museologia e Geopoética:

reflexões para práticas sensíveis a partir da extensão universitária no Rio de Janeiro

FIORIN, J. L. *Linguagem e interdisciplinaridade*. Rio de Janeiro: UFRJ/Alea, v. 10, n. 1, p. 29-53. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alea/a/nTDjhCdwBqjsFGYct5ckdcd/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 25 set. 2023.

GLEISER, Marcelo. *A dança do universo: dos mitos de criação ao big bang*. São Paulo: Companhia das letras, 1997. Disponível em: <https://elivros.love/livro/baixar-a-danca-do-universo-marcelo-gleiser-epub-pdf-mobi-ou-ler-online> Acesso em 12 jul. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (IBRAM). *Caderno da Política Nacional de Educação Museal*. Brasília: IBRAM, 2018. Disponível em: [https://www.ludesc.br/arquivos/id\\_submenu/2656/caderno\\_da\\_politica\\_nacional\\_de\\_educacao\\_museal.pdf](https://www.ludesc.br/arquivos/id_submenu/2656/caderno_da_politica_nacional_de_educacao_museal.pdf) Acesso em: 07 mar. 2020.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). *Carta do Rio*. 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20do%20Rio%201992.pdf> Acesso em: 04 jul. 2024.

JUNG, Karl G. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

KUBALIKOVÁ, Lucie. Geomorphosite assessment for geotourism purposes. República Tcheca: *Journal of Tourism*, n. 2, p. 80-104. 2013. Disponível em: <https://sciendo.com/downloadpdf/journals/cjot/2/2/article-p80.xml> Acesso em: 07 jul. 2021.

MEIER, Eleonora (tradução). *O Ramayana de Valkimi*. 2015. Disponível em: [https://www.academia.edu/26727550/O\\_Ramayana\\_em\\_Portugu%C3%AAs](https://www.academia.edu/26727550/O_Ramayana_em_Portugu%C3%AAs) Acesso em: 08 jul. 2021.

MENÉNDEZ, Inés Gómez. *Experimentar-se natureza: proposta de práticas para o encontro*. 2018. Disponível em: <http://www.unirio.br/professor/ccbs/ecoturismo/produtos-dissertacoes-e-producao-tecnica/dissertacoes/2016/experimentar-se-natureza-proposta-de-praticas-para-o-encontro-ines-gomez-menendez-rio-de-janeiro-2018> Acesso em: 27 jul. 2021.

PERROTA, Bernardo. *Geopoética das paisagens: atrativos para a realização do Geoturismo Urbano no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2019.

PONCIANO, Luiza Corral M.O.. *Geomitologia: era uma vez na história da Terra*. Sentidos da Cultura: Belém, ano 2, n. 2, p. 22-42. 2015. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/sentidos/article/view/596> Acesso em: 13 jul. 2021.

PONCIANO, Luiza Corral M.O.. *GeoTales: narrando as histórias petrificadas pela terra*. 2018. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/sentidos/article/view/2010> Acesso em: 22 jun. 2021.

POZZER, Katia Maria Paim. *Do caos à criação do universo: uma narrativa mítica da mesopotâmia*. Rio de Janeiro: Cosmos e Contexto. 2019. Disponível em: <https://cosmosecontexto.org.br/do-caos-a-criacao-do-universo-uma-narrativa-mitica-da-mesopotamia/> Acesso em: 23 jul. 2023.

RIBEIRO, Adriana Rolin L. O.; AMANCAI, L.; PONCIANO, Luiza Corral M.O. *Geopoética do Orun ao Ayiê: a Terra que atravessa o Tempo, pelos caminhos de Obá e Oyá*. Belém: Revista Sentidos da Cultura, v.10, p.36 - 57, 2023.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu/Piseagrama, 2023.

SANTOS, Lidiane B; REIS, Camila T.; PONCIANO, Luiza Corral M.O. Geopoética na conservação da natureza de base comunitária: valão é racismo e canal não sustenta não, num Rio que é caminho favela tem solução. Salvador: *Seminário Tecnologia para edificações e cidades inteligentes, sustentáveis e saudáveis (TECISS)*. 2022. Disponível em: <https://tecisspec.wixsite.com/my-site> Acesso em: 20 ago. 2023.

SANTOS, Lilaz B.M.; SIMÕES, Bruno F.T.; PONCIANO, Luiza Corral M.O. Ecoturismo e Conservação na Área de Proteção Ambiental do Morro do Cachambi: pela tessitura das vozes geopoéticas em trilhas. São Paulo: *Revista Brasileira de Ecoturismo*, v.12, n.5, nov 2019-jan 2020, p.653-684 Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/ecoturismo/article/download/6816/7151/39197> Acesso em: 27 jul. 2021.

SANTOS, Milton. *Pensando o espaço do homem*. 5ª ed. São Paulo: EdUSP, 2007

SANTOS, Zemilda do Carmo W. N. *Criança e a experiência afetiva com a natureza: as concepções nos documentos oficiais que orientam e regulam a Educação Infantil no Brasil*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade do Vale do Itajaí. Itajaí: Univali, 2016. Disponível em: <https://www.univali.br/Lists/TrabalhosDoutorado/Attachments/107/Zemilda%20do%20Carmo%20W.%20N.%20dos%20Santos.pdf> Acesso em: 28 jul. 2021.

SERBENA, Carlos Augusto. Considerações sobre o inconsciente: mito, símbolo e arquétipo na psicologia analítica. [S.l.]: *Revista da Abordagem Gestáltica*, v. 16, n. 1. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v16n1/v16n1a10.pdf> Acesso em: 24 jul. 2021.

SILVA, RENAN G. P.; MANSUR, KÁTIA LEITE; CASTRO, ALINE R.S.F. Consolidação da Geodiversidade como Patrimônio e o Valor Geológico dos Monumentos do Rio de Janeiro. In: *Anuário do Instituto de Geociências*. Rio de Janeiro: UFRJ, v. 43, n° 3, p. 488-497. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrrj.br/index.php/aigeo/article/view/36435/pdf> Acesso em: 06 jul. 2021.

SHARPLES, Chris. *A methodology for the identification of significant landforms and geological sites for geoconservation purposes*. Tasmânia: Forestry Commission, 1993. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/266617978\\_A\\_Methodology\\_for\\_the\\_Identification\\_of\\_Significant\\_Landforms\\_and\\_Geological\\_Sites\\_for\\_Geoconservation\\_Purposes](https://www.researchgate.net/publication/266617978_A_Methodology_for_the_Identification_of_Significant_Landforms_and_Geological_Sites_for_Geoconservation_Purposes) Acesso em: 07 jul. 2021.

VITALIANO, Doroty. Geomythology: the impact of geologic events on history and legend, with special reference to Atlantics. *Journal of the Folklore Institute* (Indiana University), v. 5, p. 5-30, 1968.

Museologia e Geopoética:

reflexões para práticas sensíveis a partir da extensão universitária no Rio de Janeiro

WHITE, Keneth. Elements of geopoetics. *Edinburgh: Review*, v. 88, p. 163-178, 1992.

WHITE, Kenneth. *O grande campo da geopética*. [S. l.], [19-?]. Disponível em: <https://www.institut-geopoetique.org/pt/textos-fundadores/56-o-grande-campo-da-geopoetica> Acesso em: 15 mar. 2019.

Recebido em fevereiro de 2024.

Aprovado em setembro de 2024.